

A radicalidade histórico-existencial da pedagogia do oprimido de Paulo Freire**The historical-existential radicality of Paulo Freire's pedagogy of the oppressed**Geraldo Mateus de Sá¹Aldimar Jacinto Duarte²**Resumo**

Este artigo analisa as ideias centrais presentes na *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire. Busca-se explorar suas influências filosóficas, as nuances teóricas e as implicações práticas do seu pensamento, destacando a relevância e a atualidade de suas propostas pedagógicas. O objetivo principal é oferecer uma análise crítica e aprofundada do seu pensamento, visando contribuir para a compreensão de sua obra e de seu legado educacional, especialmente a partir dos referenciais vinculados à história intelectual (Skinner, 1997). A pesquisa demonstra a importância desse educador e de seu projeto de educação libertadora no cenário brasileiro, ressaltando a superação da opressão e a humanização do ser humano. A conscientização dos oprimidos é apresentada como um processo fundamental para a autolibertação e a transformação social. Conclui-se que a radicalidade histórico-existencial da referida obra engendra, por sua vez, uma visão transformadora e profundamente arraigada na realidade, ainda sendo capaz de transcender diversas fronteiras temporais e espaciais, mesmo depois de quase seis décadas de sua publicação. Nesse contexto, ela representa a necessidade de uma mudança fundamental na educação e na sociedade, desafiando as estruturas de opressão ora existentes.

Palavras-chave: Pedagogia do oprimido; História Intelectual; radicalidade histórico-existencial; humanização.

Abstract

This article analyzes the central ideas in Paulo Freire's *Pedagogy of the Oppressed*. It seeks to explore the philosophical influences, theoretical nuances and practical implications of his thought, highlighting the relevance and timeliness of his pedagogical proposals. The main objective is to offer a critical and in-depth analysis of his thought, with the aim of contributing to an understanding of his work and his educational legacy, especially from the references linked to intellectual history (Skinner, 1997). The research demonstrates the importance of this educator and his project of liberating education on the Brazilian scene, emphasizing the overcoming of oppression and the humanization of the human being. The awareness of the oppressed is presented as a fundamental process for self-liberation and social transformation. It is concluded that the historical-existential radicality of the aforementioned work in turn engenders a transformative vision that is deeply rooted in reality and is still capable of transcending various temporal and spatial boundaries, even almost six decades after its publication. In this context, it represents the need for a fundamental change in education and society, challenging the existing structures of oppression.

Keywords: Pedagogy of the oppressed; intellectual history; historical-existential radicality; humanization.

¹ Graduado em Filosofia (UNIFAI/SP). Mestre em Educação (UFSJ/MG). Doutor em Educação (PUC/Goiás). Professor Adjunto na Universidade do Estado do Pará/UEPA. Membro do Núcleo de Estudos Corpo, Cultura, Linguagem e Expressão (NECCEL/UFSJ) e do Grupo de Estudos e Pesquisa Social (GEPES/UEPA)

² Graduado em História (Pontifícia Universidade Católica de Goiás PUC Goiás, 1995); mestre em Educação Brasileira (Universidade Federal de Goiás UFG, 1999) e Doutor em educação pela UFG (2012). Professor no Curso de Pedagogia, no Programa de Pós Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado - e no Programa de Pós Graduação em História (Mestrado e Doutorado) da PUC Goiás.

Introdução

Este artigo é parte dos resultados de uma pesquisa realizada entre 2017 e 2022, culminando na defesa da tese de doutorado do primeiro autor deste texto, sob a orientação do segundo autor. O objetivo da tese foi compreender como a liberdade e a ética constituem categorias indissociáveis do sistema pedagógico freiriano, em perspectiva à vocação ontológica do ser humano. Considerando a posição de Paulo Freire como sujeito histórico no contexto da História dos Intelectuais, o trabalho buscou compreender sua vida e seu pensamento dentro do contexto histórico, político, social e cultural brasileiro, especialmente no tocante aos acontecimentos que moldaram a história da educação.

Este artigo, enquanto recorte de um estudo maior, tem por objetivo concentrar-se na análise das ideias centrais presentes na obra de Paulo Freire, especialmente *Pedagogia do oprimido*. Por meio de uma investigação rigorosa, o texto busca explorar as influências filosóficas, as nuances teóricas e as implicações práticas do pensamento freiriano, destacando a relevância e a atualidade de suas propostas pedagógicas. Além disso, o artigo procura contextualizar sua obra dentro de um panorama mais amplo, evidenciando como suas ideias dialogam com diferentes correntes filosóficas e políticas. O objetivo principal, portanto, é oferecer uma análise aprofundada de seu pensamento, visando contribuir para uma melhor compreensão de sua obra e de seu legado educacional.

A importância desta investigação reside na necessidade de compreender o papel que este educador teve (e ainda tem) no cenário brasileiro em amplo aspecto, considerando desde sua proposta de educação revolucionária e substancialmente propositiva de um projeto de libertação e de superação das condições que menoscabam o ser humano ontológica e existencialmente. Para esse fim, a História dos Intelectuais, com suas várias possibilidades de tratamento temático, mostrou-se um meio apropriado para concretizar este propósito. A noção epistêmico-metodológica da compreensão de Quentin Skinner³, especialmente em *As*

³ Há que se fazer uma alerta inicial aos leitores. Não se trata aqui de Burrhus Frederic Skinner, mais conhecido como B.F. Skinner., que foi um psicólogo norte-americano conhecido por criar uma vertente conhecida como Behaviorismo Radical na década de 1940. Nossa referência neste estudo é a **Quentin Robert Duthie Skinner** (nascido em 26 de novembro de 1940) é um **historiador britânico**, conhecido como um dos principais integrantes da Escola de Cambridge. Ele é considerado um dos fundadores da Escola de Cambridge da história do pensamento político. Sua obra “The Foundations of Modern Political Thought” (*As fundações do pensamento político moderno*), publicada em 1978 e traduzida para o português em 1996, é considerada um clássico da história intelectual devido às suas contribuições para a metodologia historiográfica para a história do pensamento político. Skinner é conhecido por suas ideias influentes na história intelectual, particularmente na história do pensamento político.

fundações do pensamento político moderno (1996), mostrou-se propícia a esta pesquisa. Para esse autor, é essencial que se considerem as relações dos autores com o contexto da produção de sua obra. E, nesta compreensão, acreditou-se contribuir para outras oportunidades de entendimento sobre esse intelectual e educador enredado na disposição de tornar a educação uma possibilidade de libertação e o mundo um lugar menos desumanizador.

No âmbito da história educacional brasileira, pesquisar a história intelectual de Paulo Freire frente às interposições contextuais de sua época mostrou-se uma ação necessária e, ao mesmo tempo, revitalizadora de seu projeto de educação libertadora. Relevância esta que se configurou no amplo leque de ações no campo histórico, sociopolítico e cultural, como sua militância em prol da democracia, da liberdade, da educação, da cultura e dos direitos humanos.

A partir de tal fundamentação, o texto está organizado em três seções. Na primeira destaca-se a influência de diversas correntes teóricas, como a dialética de Hegel e o materialismo-histórico de Marx e Engels, na construção dos conceitos presentes em *Pedagogia do oprimido*. Na segunda seção, a ênfase recai sobre a necessidade de superação da opressão por meio da conscientização dos oprimidos. A autolibertação, por sua vez, é apresentada como um processo solidário e interdependente, no qual a conscientização desempenha um papel crucial na transformação das relações de poder. Por fim, na terceira seção, destaca-se a importância da conscientização como mediação para que os oprimidos assumam a responsabilidade política de sua própria história. Sob esse olhar, a educação conscientizadora, assim proposta, visa não apenas a formação intelectual, mas também à transformação social e política, promovendo a participação ativa e crítica dos educadores e educandos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

1. Gênese e desenvolvimento do pensamento transformador em *Pedagogia do oprimido*

Pedagogia do oprimido foi uma obra discutida intensamente durante o período de exílio de Paulo Freire. Logo ao seu primeiro desembarque como exilado na Bolívia, em outubro de 1964, foi surpreendido de imediato por outro golpe militar, motivo pelo qual foi obrigado a procurar outro país para se exilar. Desembarcou no Chile em novembro do mesmo ano, cujo cenário político também era complexo e diverso, embora ainda marcado por disputas políticas inerentes a um regime democrático. Forças políticas como a Democracia Cristã, Partidos políticos e movimentos de esquerda, Setores conservadores, incluindo latifundiários, empresários e militares, disputavam a hegemonia política naquele cenário.

Na obra *Pedagogia da esperança*, ao tratar do processo de gestação de *Pedagogia do oprimido*, o autor esclarece sua experiência de acompanhar de perto a luta ideológica entre novembro de 1964 e abril de 1969. Ele testemunhou tanto os recuos político-ideológicos de alguns quanto o avanço consistente de outros em direção às suas convicções progressistas. Isso o levou a refletir sobre a dinâmica da transformação social e as complexidades envolvidas nesse processo.

Reiterando os aspectos já citados, Paulo Freire compartilhou sua admiração pela capacidade dos camponeses de analisar sua realidade e expressar suas visões de mundo, rompendo com uma cultura de silêncio. Essa descoberta do poder da voz e do discurso crítico foi um elemento vital na construção de sua compreensão sobre o papel da educação na conscientização e na transformação social.

Enquanto assessorava diferentes órgãos no Chile, incluindo o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e o Ministério da Educação, o autor de *Pedagogia do oprimido* teve a oportunidade de interagir com diversos grupos sociais, desde camponeses até educadores urbanos. Suas viagens pelo país e as discussões realizadas com esses grupos foram fundamentais para sua concepção de uma pedagogia libertadora. Em *Pedagogia da esperança*, destacou a importância do processo de gestação das ideias, que se desenvolvem não apenas na teoria, mas também na prática social. Assim, enfatizou a necessidade de diálogo e reflexão contínuos para aprimorar e recriar essas ideias. Além do mais, viu a escrita como parte desse processo, uma oportunidade para consolidar e compartilhar suas reflexões, após extensas discussões e testes de suas ideias em diversos contextos.

Ao falar sobre sua jornada intelectual e prática, Paulo Freire (2020) revelou como suas ideias foram moldadas e refinadas ao longo do tempo, destacando a importância do diálogo e da reflexão como ferramentas essenciais no processo de transformação pessoal e social. Essa conexão entre teoria e prática, entre ação e reflexão, permeia sua abordagem pedagógica e sua compreensão mais ampla da realidade. Sua concretização, contudo, deu-se entre 1967 e 1968 (Freire, 2020). Evoluiu durante vários anos, desde a realidade brasileira até seu contato com a realidade chilena, que representou uma nova experiência histórica, além dos seus limites geográficos de origem.

Essas evoluções cristalizaram-se como expressão da segunda etapa de seu percurso intelectual, ou seja, quando da continuidade da linha personalista então assimilada ainda no Brasil. Desta maneira, *Pedagogia do oprimido* originou-se a partir de vários autores ou concepções teóricas nacionais e estrangeiras, entre as quais vale citar: Albert Memmi (1920-),

Álvaro Vieira Pinto (1909 -1987), C. Wright Mills (1916- 1962), Erich Fromm (1900-1980), Ernesto Guerra de la Serna (1928-1967), Frantz Fanon (1925-1961), Friedrich Engels (1820-1895), Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), György Lukács (1885-1971), Herbert Marcuse (1898-1979), Jean-Paul Sartre (1905-1980), José Luís Fiori (1945-), Louis Althusser (1918-1990), Pierre Furter (1931-2020), Karl Marx (1818-1883), Lucien Goldmann (1913-1970), Simone de Beauvoir (1908-1986), Vladimir Lenin (1870-1924) *et al.*

Nessa obra, o educador avançou significativamente em diferentes quadros teóricos. De Hegel, por exemplo, assimilou a noção da relação opressor-oprimido suscitada a partir da dialética do senhor e do escravo contida na *Fenomenologia do espírito*, publicada pela primeira vez em 1807. Com referência a este filósofo, absorveu o entendimento de que o processo pelo qual o enfrentamento das consciências, por um reconhecimento recíproco, encerra a dominação de um indivíduo sobre o outro. Vinculado à ideia desse importante pensador alemão, entendeu que “a verdade do opressor reside na consciência do oprimido” (Fiori, 2019, p. 12) e, por isso, faz-se necessária, em amplo sentido, a educação libertadora.

No entanto, o já citado educador, ao configurar a radicalidade de seu método, assimilou ideias de Marx, o que o levou a discordar do idealismo existente na compreensão hegeliana quanto ao processo histórico e a constituição da consciência, substanciando, assim, a relevância das condições materiais e históricas nesta formação (Mayorga, 2021) vinculada à concreticidade da experiência humana e da realidade. Ao se referir a Hegel, Paulo Freire entendeu que os oprimidos “somente superam a contradição em que se acham quando o reconhecerem-se oprimidos os engaja na luta por libertar-se” (Freire, 2019, p. 49) a si mesmos e seus opressores.

Pode-se inferir que tanto na dialética do senhor e do escravo quanto na dialética do opressor e do oprimido, em ambas situações, um e outro são coisificados, sendo o primeiro uma coisa de seu senhor e o segundo uma coisa de seu opressor (Freire, 2019). Entre uma e outra acepção é importante esclarecer que, de acordo com a concepção idealista de Hegel, a libertação do escravo seria puramente abstrata.

No que tange às considerações apresentadas, não é suficiente aos oprimidos “saberem-se numa relação dialética com o opressor – seu contrário antagônico –, descobrindo, por exemplo, que sem eles o opressor não existiria (Hegel), para estarem de fato libertados” (Freire, 2019, p. 49). Em outras palavras, é necessário se entregarem à práxis libertadora, o que, na verdade, é a práxis autêntica. Daí em diante, além de Hegel, foram absorvidas ideias e conceitos de Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895), a fim de se constituir sua práxis sobre o mundo e,

assim, poder transformá-lo. Indo além de Hegel, o processo de libertação, entendido por Paulo Freire, deve efetivar-se em amplo sentido e de maneira concreta, não estando este, em nenhum momento, desvinculado das condições materiais de sobrevivência como consta na proposição de Marx.

O conjunto de autores anteriormente listados, uns mais outros menos, estão implicados diretamente nos avanços teóricos contidos em *Pedagogia do oprimido*. Foram tais nomes que, entre outros, influenciaram as aberturas teóricas que o autor utilizou para sistematizar muitos dos conceitos dessa obra. Isso fez seu pensamento progredir qualitativa e teoricamente, além de contribuir para que repensasse e fundamentasse sua prática pedagógica.

A partir daí o educador em questão dialogou de modo direto com o materialismo histórico-dialético. Para isso, utilizou-se tanto de pensadores de matriz marxista quanto dos teóricos que a interpretaram ou se engajaram política e socialmente a partir dos referenciais de Marx, aspecto em que se pode recobrar, por exemplo, Sartre e Fanon. De acordo com Saviani (2021, p. 10), nessa obra, “os autores que integram, de algum modo, a tradição marxista constituem maioria” das referências utilizadas pelo educador brasileiro.

Nela estão patentes as nuances apreendidas e reinterpretadas, por Paulo Freire, tanto à luz de traços fenomenológicos, existencialistas e marxistas. Embora já se mostrasse, no Brasil, um intelectual em franco processo evolutivo, somente com a publicação de *Pedagogia do oprimido* foi que marcou uma importante progressão qualitativa com relação aos seus primeiros escritos e práticas pedagógicas. As teorias aí absorvidas cruzaram os limites das disciplinas e das ciências afora o Brasil e a América Latina, tornando-a uma obra de expressiva consonância teórica efetivada por uma revolucionária síntese autoral e profunda estruturação conceitual.

Em 1967, durante o exílio chileno, publicou no Brasil seu primeiro livro, *Educação como prática da liberdade*, baseado fundamentalmente nas suas próprias convicções, outrora ensaiadas na sua tese de 1959 (*Educação e atualidade brasileira*), com a qual concorrera à cadeira de História e Educação - Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife. As ideias então sedimentadas nessa tese continuaram sendo redesenhadas em *Educação como prática da liberdade* (primeira obra), que prenunciou *Pedagogia do oprimido* (a segunda) e as demais.

No tocante ao reconhecimento de suas ideias, ambas extrapolaram os limites do contexto social e geográfico de sua origem para, enfim, consolidar sua teoria da ação dialógica, viabilizando uma nova epistemologia social (Almeida, 2000) e histórico-cultural. Sobre a evolução de seu embasamento conceitual, é essencial considerar, rigorosamente, essas duas primeiras publicações. Foi nelas e na sequência delas que Paulo Freire alargou sua abrangência

teórica e, de fato, tornou-se um autor maduro, seguindo o processo de invenção e reinvenção de si mesmo.

Em *Pedagogia do oprimido*, pode-se dizer que, além de tratar-se de uma construção crítica radical sobre a realidade, “é filosofia, educação e, sobretudo, um tratado de epistemologia” (Barbosa, 2008, p. 23) que, historicamente, foi originado a partir não somente de diferentes referenciais teóricos, mas da experiência e da prática do próprio autor. Se em sua primeira obra, as “*palavras não existem independentemente de sua significação real, de sua referência às situações*” [itálicos originais] (Weffort, 1996, p. 14) concretas, na *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire retomou a problematização da importância de aprender a dizer a palavra, para denunciar a opressão e anunciar a ação/educação libertadora.

Com o passar dos anos, certas mudanças de compreensão foram ocorrendo em seus escritos. Mesmo não satisfazendo às exigências de alguns estudiosos de tendência marxista, o educador não se absteve de motivar discussões sobre seus trabalhos entre os críticos da esquerda e da direita (Beisiegel, 1982). Empenhou-se em refletir sobre os efeitos políticos e revolucionários da pedagogia da libertação, ou pedagogia do oprimido⁴. Dada a relevância de sua temporalidade histórica e revolucionária, tais escritos sinalaram

o início da vasta bibliografia de Freire, trazendo suas preocupações e propostas metodológicas para a alfabetização de adultos e tentando formular as primeiras matrizes de uma ‘pedagogia da resistência’ aos processos de opressão – desenvolvidos em larga escala por toda a América Latina nos anos de 1960, para não dizer há séculos [aspas originais] (Scocuglia, 2018, p. 205).

Em Santiago, o educador em questão encontrou ambiente político propício à continuação de suas ideias e práticas pedagógicas. Escreveu suas primeiras obras durante a efervescência das mobilizações emancipatórias feministas, camponesas, de trabalhadores urbanos e dos movimentos estudantis como o ocorrido em maio de 1968, na França, além das mortes de Che Guevara, em 1967, e de Martin Luther King, em 1968.

Em decorrência das experiências abstraídas do contexto brasileiro, redigiu sua obra principal num período de grandes “inquietações intelectuais, de muito estudo e de intensa

^{4 4} É importante esclarecer que, “pedagogia do oprimido” e “educação como prática da liberdade”, assim escritas neste texto, são categorias de análise homônimas aos títulos de duas das mais importantes obras de Paulo Freire – a primeira, *Educação como prática da liberdade* (1967); e a segunda, *Pedagogia do oprimido* (1968). Por isso, ambas aparecem em duas situações distintas no corpo do texto, como uma concepção de educação e/ou pedagógica, em grafia normal e, num segundo momento, sendo o título das referidas obras, grafado em itálico, conforme as normativas da ABNT.

procura de novas e talvez mais abrangentes explicações para os desafios que encontrara na prática educativa” (Beisiegel, 2010, p. 83-84) engajada na causa dos oprimidos.

Pode-se dizer que foi nesse momento que se evidenciou sua adesão aos autores e temas marxistas, sequenciando uma produção intelectual mais voltada às questões de viés social e à convicção de um cristianismo libertador. Segundo a visão freiriana, a linha deste tipo de cristianismo era profética, utópica, esperançosa e refutava “os paliativos assistencialistas, os reformismos amaciadores, ‘comprometendo-se’ com as classes sociais dominadas para a transformação radical da sociedade” (Freire, 1976, p. 124), visto que apresentava um pensar crítico, não era neutra nem dissimulava sua opção libertadora.

Essa opção ficou evidente em *Pedagogia do oprimido*, cujo vínculo teórico de Paulo Freire com Marx se dava a partir de uma prática reflexiva, principalmente no sentido de abordar a teoria e a prática (práxis) em proveito de uma profunda transformação social, em que a dialogicidade se fazia fator essencial da pedagogia do oprimido, além do que ambos levaram em conta a ação do indivíduo sobre sua história. A visão dialética da história teve uma forte relação com o pensamento freiriano a partir desta obra.

Por variadas razões, a *Pedagogia do oprimido* é um marco para a História Intelectual, pois revela a complexidade das influências e reflexões que moldaram as principais ideias de Paulo Freire. Durante seu exílio nos anos 1960, ele mergulhou nas realidades políticas e sociais do Brasil e do Chile, bem como de outros países colonizados, desenvolvendo uma abordagem pedagógica revolucionária. Seu trabalho foi enriquecido por uma gama de pensadores, desde Hegel até Marx e Engels, destacando a importância da dialética entre opressor e oprimido. Ao longo dos anos, suas ideias evoluíram, refletindo um compromisso contínuo com a justiça social e a emancipação dos oprimidos.

2. Desvendando a dialética da libertação e a luta contra a desumanização

Na esteira das considerações já apresentadas, também é oportuno salientar que *Pedagogia do oprimido* integra categorias de origem cristã, como a noção de diálogo, e influências marxistas, como a percepção de classe social. Portanto, é importante considerar que o diálogo é o “encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (Freire, 2019, p. 109), mas se complementando solidariamente no processo de humanização. Dada essa compreensão, nada há de mais concreto do que a relação dos seres humanos com o mundo e, conseqüentemente, com outros seres

humanos, realidade está onde emergem as classes opressoras e as classes oprimidas. Pode-se dizer que o caráter político da educação foi manifestado francamente nesse livro concretizado no íterim pós-golpe, no Brasil, e à luz das mobilizações da democracia cristã, no Chile.

De acordo com próprio o Paulo Freire, apenas o povo deveria proferir a palavra que decide seu processo histórico cultural e, sendo a consciência deste processo, política. Na prática, conscientizar significa, prioritariamente, politizar. Em razão disso, a “ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer ‘bancária’” [aspas no original] (Freire, 2019, p. 120), mecânica ou alienadora.

Por esse e outros motivos, *Pedagogia do oprimido* foi, certamente, o livro mais radical do pedagogo pernambucano, inclusive por ir além das incursões das suas críticas anteriores, como assim o fez em *Educação como prática da liberdade*. Sendo o resultado do amadurecimento teórico-intelectual, tal obra compõe os escritos que manifestam o verdadeiro sentido histórico da concepção pedagógica freiriana. O que mostra que suas experiências foram efetivadas numa realidade histórica caracterizada por diferentes modos de opressão, que resultava em miséria, fome, doenças e outro males. Tal como indicou na sua

Pedagogia do oprimido, escrita tanto tempo depois daquelas partidas de futebol ao lado de Toinho Morango, de Reginaldo, de Gerson Macaco, de Dourado, cedo roídos pela tuberculose, tem que ver com o aprendizado jamais interrompido, que comecei a fazer naquela época – o da necessidade de transformação, da reinvenção do mundo em favor das classes oprimidas (Freire, 2020b, p. 94-95).

Não de forma despropositada, as primeiras palavras dessa obra são dedicadas aos esfarrapados do mundo, aos quais o autor informou que sua criação se ancorava em observações ocorridas durante seus cinco anos de exílio e naquelas ainda realizadas no Brasil (Freire, 2019). Disso se depreende uma possível analogia da mesma com *Os condenados da Terra*, de Frantz Fanon (1968). São obras que, de alguma maneira, se entrecruzam na análise das questões consequentes da colonização e de seus efeitos opressores e aniquiladores ao redor do mundo, em vista dos povos e das nações empobrecidas pela exploração, a quem Paulo Freire chamou de ‘esfarrapados do mundo’ e Fanon de ‘condenados da Terra’.

O livro de Fanon faz uma exposição da situação política, histórica, cultural e psíquica sobre a colonização na Argélia, mais especificamente. E *Pedagogia do oprimido*, por sua parte, aborda situações semelhantes ocorridas no Brasil e na América Latina, onde se concretizaram as experiências às quais Paulo Freire reportou. A violência que a colonização acarretou, tal

como observada por ambos, não difere muito de um continente para outro. Em uma localidade ou outra, se caracteriza pela fome, pela dominação e por variados tipos de opressão.

Se para Fanon o soldado ou o gendarme desumanizava o colonizado a fim de animalizá-lo, na assimilação freiriana, os poderosos ou opressores faziam o mesmo com o oprimido. Por este e tantos outros motivos, é que a pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestações da desumanização” (Freire, 2019, p. 43) e do *ser menos*⁵. Os colonizadores, assim como os opressores, lutam pela permanência da injustiça e, de uma mesma maneira, negam o *ser mais*.

Como, em geral, o que vem do colonizador mostra-se bom para o colonizado, o mesmo ocorre em relação ao oprimido e a seu opressor. Dessa forma, “o colonizado sonha sempre em se instalar no lugar do colono” (Fanon, 1968, p. 39), ou tornar-se um perseguidor; e os oprimidos, por sua vez, almejam ocupar o lugar de quem os oprime. Esta é uma problemática crucial em ambas situações, pois o colonizado e o oprimido são hospedeiros de valores, ideais, desejos e interesses que, muitas vezes, vão ao encontro das necessidades dos seus opressores. No dia a dia, essa experiência é naturalizada e assimilada como uma forma universal, o que, na prática, inibe qualquer análise crítica por parte de um e de outro.

Por isso, só há sentido na libertação se os oprimidos não se sentirem na condição de “opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos” (Freire, 2019, p. 41). Isto posto, nestas duas obras, tanto o colonizado de Fanon ou o oprimido de Paulo Freire precisam tomar parte na luta por sua libertação, porque esta não pode ser dada nem pelo colonizador nem pelo opressor.

É nessa lógica, Paulo Freire recusava o conhecimento passivo ou inoperante ante a realidade que se está conhecendo, pois, conhecer é um processo que requer ação e reflexão dos seres humanos sobre o mundo onde estão existencialmente situados. Já na percepção de Fromm (1977, p. 57), diz-se que o “conhecimento ideal no modo ser é conhecer *mais profundamente*” [itálicos originais] o mundo, o ser humano. Por seu turno, o idealizador da pedagogia do oprimido aprofundou a problematização política da educação e suas possíveis implicações, como o medo do oprimido da liberdade. Esse medo social, psicológica e historicamente introvertido, faz o oprimido desejar a posição do opressor que, paradoxal e contraditoriamente,

⁵ *Ser menos/ser mais* são duas expressões do léxico de Paulo Freire, aqui grafadas em itálico, como na maioria das vezes em que aparecem nos textos do próprio autor.

abriga dentro de si como uma de suas principais referências de ser alguém. Portanto, “sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação” (Freire, 2019, p. 127) da autêntica experiência libertadora de homens e de mulheres em sua condição de estar sendo no mundo.

Diante disso, é possível notar que a superação da opressão não pode ocorrer se os oprimidos não mudarem a forma de perceber a contradição em que vivem e a que são submetidos. Dito de outro modo, “seu ideal é, realmente, ser homens, mas, para eles, ser homens, na contradição em que sempre estiveram e cuja superação não lhes está clara, é ser opressores” (Freire, 2019, p. 44) como seus opressores e, assim sendo, oprimir e reproduzir a própria condição de opressão. Por isso, para vencer tal contradição é preciso suprimir, de modo completo, por meio da conscientização, os desejos dos oprimidos de oprimir. Em vista disso, faz todo sentido as críticas direcionadas à pedagogia tradicional feita na *Pedagogia do oprimido*, pois, tal noção pedagógica, geralmente, reproduz as práticas do opressor como parâmetro de humanidade para os oprimidos.

Quando o oprimido consegue se libertar (autolibertar), ele viabiliza alternativas para que todos à sua volta se libertem (autolibertem), até mesmo os opressores. Autolibertação e libertação são ações solidárias e interdependentes. E a pedagogia do oprimido implica libertação plena e continuada, porque ela não se restringe a um fim em si mesma. Esse ideal manifestado em *Pedagogia do oprimido* constitui, fundamentalmente, uma síntese histórica da experiência das lutas populares em prol da própria libertação. Seu autor mesmo reiterou que o reencontro com esse livro não se refere ao que já foi, mas ao que está sendo.

Como se pode perceber nesta seção, existe a integração em Paulo Freire de categorias cristãs e influências marxistas em sua obra *Pedagogia do oprimido*. Ao mesmo tempo, ele enfatiza o diálogo como uma opção essencial para a humanização e o caráter político da educação. No que se refere a essa compreensão, o educador confronta a opressão e busca a conscientização como meio de libertação. A obra reflete o amadurecimento teórico-intelectual do autor e sua visão crítica das estruturas sociais opressoras. Ao abordar questões semelhantes às de Frantz Fanon sobre a colonização, por certo, pode-se constatar que o pedagogo brasileiro ressalta a importância da luta dos oprimidos por sua própria libertação. Assim sendo, o referido livro representa uma síntese histórica das lutas populares pela emancipação, mantendo-se relevante em sua reflexão sobre a transformação social e a busca pela verdadeira liberdade.

3. Diálogo e libertação: a *pedagogia do oprimido* como prática da liberdade

Pedagogia do oprimido é, desde sua primeira edição, uma obra que transcende os limites de uma simples pedagogia voltada apenas para o ensino da leitura e escrita. Em outros termos, pode-se considerar que a educação problematizadora, nela contida, foi “compreendida por Freire como um processo de desalienação e libertação, uma *pedagogia do oprimido*, porque os homens e mulheres passam a refletir sobre sua condição de explorados” [itálicos no original] (Oliveira, 2000, p. 40). Como resultado, comprometem-se com a luta pela libertação, visando superar as contradições constantes nas relações entre opressores e oprimidos.

Diante dessa convicção, a pedagogia do oprimido (da libertação) conferiu unidade, coerência e comunhão entre a obra e a vida de Paulo Freire (Freire, A., 2008). Por sua vez, essa pedagogia não se limitou a si mesma, mas deu vida longa a toda sua obra, que, por várias décadas, tem mantido sua atualidade nas circunstâncias onde persiste a opressão. A base pedagógica dessa pedagogia foi alicerçada na consciência e no conhecimento críticos, resultantes do processo de conscientização que tanto o moveu "contra os sectarismos, castradores sempre, e em defesa do radicalismo crítico" (Freire, 2020, p. 71) de homens e mulheres coexistindo num mundo mais justo.

Segundo o teólogo brasileiro Leonardo Boff (2020, p. 9), este "é mais que um livro, é antes de tudo uma prática pedagógica que, num momento de seu passado de constituição, ganhou corpo numa escritura" que se pode dizer revolucionária e comprometida com os esfarrapados do mundo. É uma prática pedagógica com clara predileção ético-humanizadora. Ao escolher o amor ao oprimido, seu idealizador optou por ser favorável à vida e à liberdade, como claramente expressado em sua vida e obra como totalidade.

A educação, como instrumento de conscientização e libertação mútua, dos oprimidos e dos opressores, passa, antes de tudo, pela prática, pela ação transformadora e pela autolibertação. Ela representa a síntese conceitual da ação-reflexão sobre o homem e sua realidade, conjugando a antropologia, a pedagogia e a política como possíveis aberturas para o diálogo. A visão antropológica freiriana nutre-se da utopia e da esperança, que não consiste apenas em "um cruzar de braços e esperar" (Freire, 2019, p. 114) passivamente por aquilo que se deseja. O fato de homens e mulheres se constituírem em seres inacabados significa que, na verdade, estão continuamente em busca de novas possibilidades, que geram novas esperanças. O que hoje é apenas sonho ou esperança, em acepção freiriana, pode tornar-se realidade.

A pedagogia do oprimido aponta, reiteradamente, para o sonho possível e para a necessidade de alimentar a utopia que não deixa morrer a esperança de uma nova sociedade. A utopia é "necessidade fundamental do ser humano" (Freire, 2014, p. 77) para existir e insistir na ética da solidariedade humana, o que foi um grande ideal de Paulo Freire. Por isso, é preciso mantê-la viva, pois ela é uma das possibilidades de compreender a história como condição humana no mundo, de forma dialética e libertadora. E, de mãos dadas com a utopia, segue a esperança por um mundo melhor, mais livre, humanizado e onde não seja insonhável *ser mais*.

Assim como a utopia, a esperança possui forte expressão e presença na obra freiriana. O termo é recorrente em *Pedagogia do oprimido* e em *Pedagogia da esperança*, por exemplo. O próprio educador foi categórico ao dizer que "educação sem esperança não é educação" (Freire, 2020, p. 30), assim como não se muda nem a si mesmo nem o mundo sem ela. Mas não uma esperança passiva e, sim, a esperança em sentido de esperar, de acreditar que é possível transformar a realidade opressora ao lutar contra ela; por essa razão, falou de uma esperança motora da mudança e contrária à acomodação.

O processo de libertação, nessa abordagem, trafega por vias de mão dupla. Não é uma ação unidirecional nem impositiva. Seu fundamento consiste, basicamente, na relação substancial entre "homem-realidade, homem e realidade, ambos inacabados, mas em permanente relação, de tal modo que o homem" (Jorge, 1981, p. 19), ao transformar a realidade, reverbera em si as implicações dessa transformação. Essa concepção pedagógica se propõe a transcender a educação autoritária, construindo um sistema pedagógico fundamentado na relação clara e crítica com o educando, fazendo com que este seja o sujeito de seu agir, de sua história e da própria ação educativa. Para esse educador, "é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer" (Freire, 1977, p. 27) e decidir política e eticamente sobre o que fazer com seu conhecimento.

Não sem razão, *Pedagogia do oprimido* sobrevive no formato de uma autêntica "afirmação da dignidade da pessoa humana e defesa da humanização contra todos os processos de opressão, discriminação, exclusão e injustiça" (Balduino, 2011, p. 194) social, econômica, entre outros. É um verdadeiro anúncio dos direitos da pessoa humana como superação da desumanização e das contradições oprimidos-opressores. A noção de humanização e de desumanização nela constante representa uma das questões centrais do ideário freiriano. Isto porque, segundo tal entendimento, a humanização é uma vocação inerente a homens e mulheres, mas pode ser rejeitada a partir da injustiça, da exploração, da opressão e da reiterada violência

dos opressores. Mas, como não existe determinismo histórico, ela pode ser afirmada no desejo de liberdade, de justiça e na luta solidária dos oprimidos.

Na verdade, essa assimilação freiriana deposita na conscientização a crença de que o povo reclame, para si, a responsabilidade política da história. As reportações introdutivas ao conceito de povo, em seus escritos, se coadunam com sua noção de "conscientização, que lhe possibilitou inserir-se no processo histórico, como sujeito" (Freire, 2019, p. 32) criador do sentido de sua própria existência. Tendo por base a compreensão do ideal da pedagogia do oprimido, pode-se dizer que qualquer povo explorado ou oprimido é incapaz de conter sua própria sorte. Em vista dessa ocorrência, vale destacar a magnitude com a qual os católicos progressistas trataram a conscientização enquanto instrumento de libertação.

Nessa compreensão de uma educação conscientizadora, a ação educativa tem uma atribuição social e política, que consiste tanto na participação quanto na co-participação dos educandos. Então, é nessa assimilação que se objetiva construir uma história nova para que, em liberdade, homens e mulheres alcancem o *ser mais*. A contextura crítica da *Pedagogia do oprimido* é evidente ao estabelecer "a relação entre a clareza política na leitura do mundo e os níveis de engajamento no processo de mobilização e de organização para a luta, para a defesa dos direitos, para a reivindicação da justiça" (Freire, 2020, p. 58) enquanto parte do processo civilizatório. Logo, sendo esta concepção pedagógica essencialmente política, alfabetizar significa, substancialmente, conscientizar em desfavor de toda forma de opressão.

Uma das balizas precípuas de *Pedagogia do oprimido* consiste, por assim dizer, na imprescindibilidade da pedagogia dialógica e libertadora. Isso embasa a contundente oposição à educação bancária, cuja crítica se remete à *Educação como prática da liberdade*, marcando evidente contestação à pedagogia das classes dominantes que, historicamente, exerceu a função de alienar e de manter a subserviência das classes oprimidas. Posto isso, Paulo Freire se ocupou com as dissimilaridades entre a pedagogia do opressor e a pedagogia do oprimido. No que concerne a tal caso, a pedagogia dominante se faz representar pela educação que nega a dialogicidade da prática educativa.

Em tal situação, "não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade" (Freire, 2019, p. 95) se, em algum momento, não conseguir superar a contradição entre educador-educando, o que exige ser feito por meio do diálogo. Isso, porque a educação de base autoritária é proveniente de uma estrutura opressora, que se constitui em uma forma de invasão

cultural e de mutismo dos seres humanos, historicamente submetidos a um cruciante processo de desumanização, seja pela colonização ou por outros modos de opressão por vezes vigentes.

Diante do exposto, este tipo de educação nada mais é do que uma dissimulação da opressão há muito utilizada pelas classes dominantes. Geralmente, esta é caracterizada como algo dado por via de uma ação assistencialista, de cima para baixo, como se o povo nada soubesse ou nada tivesse a dizer. Por causa disso, Paulo Freire apresentou e criticou os fundamentos do que chamou “de concepção 'bancária' da educação, que transformando a consciência dos homens numa espécie de panela, vai enchendo-a com depósitos que são falso saber” [aspas no original] (Freire, 2017, p. 332) e falsa consciência da realidade. Este tipo de educação, que inibe a formação da consciência crítica, serve sistematicamente às práticas da opressão pela admissibilidade das ações caritativas ou das assistencialistas.

Nisso segue a educação libertadora, sugerida como a educação que é em todo o tempo política e nunca neutra. Além do que, “não existe prática educativa sem ética e sem estética. É preciso respeitar a identidade cultural do estudante e devemos ensiná-lo a aprender. De nada serve uma *educação bancária*” [itálico no original] (Freire, 2008, p. 59), em que o aluno memoriza uma grande quantidade de conteúdo sem importância alguma para a sua formação crítica ou mesmo para sua experiência profissional. Em sintonia com essa premissa, ainda que sejam apenas conteúdos técnicos, é preciso saber para que servem, para que se aprende e porque se ensina algo do tipo, o que não quer dizer que a pedagogia do oprimido queira abolir outras noções pedagógicas diferentes da sua.

De outro lado, a educação como prática da liberdade se engendra numa situação gnosiológica concreta, fazendo com que o educador-educando, em constante diálogo com o educando-educador, torna-se uma das condições essenciais para a superação da realidade opressora no ambiente de ensino-aprendizagem (aprendizagem-ensino). Isso exige que a educação libertadora seja comunicação e diálogo⁶, pois a ação educativa para a liberdade não é mera “transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (Freire, 1977, p. 69), e o sentido político de aprender alguma coisa. Em vista disso, foi que Paulo Freire aprofundou sua percepção sobre as características

⁶ Este é um dos conceitos mais relevantes do sistema pedagógico de Paulo Freire. Toda a educação como prática da liberdade, a pedagogia do oprimido, a pedagogia da pergunta, a pedagogia da esperança e a pedagogia da autonomia estão fundadas no diálogo e para o diálogo. Este “pertence à natureza humana, enquanto ser de comunicação. O diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual” (Freire; Shor, 1986, p. 14).

fundamentais da relação dialógica, considerando o diálogo como exigência pedagógica, sem o qual não pode haver educação verdadeira nem ação educativa libertadora.

Visto na perspectiva da educação libertadora ou da pedagogia do oprimido, o posicionamento de Paulo Freire é, por sinal, uma questão ontológica basilar de homens e de mulheres vocacionados ao *ser mais*. Posto isto, é exigência inexorável da pedagogia do oprimido assistir os oprimidos a dizerem a palavra criadora. Não sem motivo, esta pedagogia ressoa por meio da aprendizagem da palavra viva, que possibilita ao oprimido falar como sujeito da sua própria história e compreender sua contextualização linguística. De uma perspectiva semântica, as palavras são possuidoras de um 'sentido de base' e de um 'sentido contextual'. Logo, é no contexto de sua existência que a palavra define um de seus sentidos 'potenciais ou virtuais'. Por isso, a palavra precisa ser contextualizada, para que não seja apenas uma expressão vazia de realidade (Freire, 1977) ou de sentido humano conhecido e reconhecido.

Em oposição à prática educativa autoritária, Paulo Freire (2019) considerou existir saber apenas na invenção ou na reinvenção, e na busca impaciente e constante que os seres humanos promovem no mundo e em comunhão uns com os outros. Desse ponto de vista, criticou a educação como uma doação ou impostura estabelecida numa espécie de alteamento da ignorância. Isso a qualifica como mostra ideológica da opressão que, ao tentar transformar a consciência do oprimido, não muda a situação que o oprime.

De outro modo, a pedagogia problematizadora ou do oprimido visa à transformação de homens e de mulheres em sujeitos cognoscentes, para que sejam autores da práxis que transforma as próprias condições da opressão. Isso se traduz na criação de outra realidade, como a que se coloca na ocasião em que reflexão e ação agem sobre o mundo com o propósito de transformá-lo. Logo, a filosofia de Paulo Freire "é práxis e, portanto, capaz de atingir concretamente seu objetivo" (Jorge, 1981, p. 18), que consiste em promover a libertação do oprimido. De tal modo, a partir da consciência crítica, o oprimido pode compreender sua condição de oprimido e, se assim o desejar, autolibertar-se sem, contudo, excluir a solidariedade para com o outro. Tal exclusão não pode ocorrer nesta acepção, pois entende-se que o "homem só é plenamente humano em sua e por sua associação com os demais homens" (Lacroix, 1972, p. 26), noção esta que vai ao encontro do senso de comunhão e de solidariedade da antropologia freiriana.

A pedagogia do oprimido, que é essencialmente libertadora, vai ao encontro do oprimido mediante o diálogo que, sendo um instrumento metodológico, viabiliza a leitura crítica da sua condição de *ser menos*. A essência do melhoramento da educação pelo diálogo e

para o diálogo, pode-se afirmar, teve pleno acolhimento no sistema pedagógico freiriano (método Paulo Freire). O diálogo com os oprimidos representa o compromisso com seu processo de libertação que, historicamente, implica a transformação da realidade opressora. À luz desse entendimento, o criador de tal “método”, apropriadamente, aprimorou suas considerações sobre a ideia de libertação, bem como demarcou as “expressões desse processo nas concepções da educação e no diálogo entre os homens” (Beisiegel, 2010, p. 78), em condição da práxis pedagógica transformadora.

Ao assumir a dialogicidade da educação como prática da liberdade, o educador referido assimilou que o diálogo se inicia com a busca do conteúdo programático, que precisa ser dialógico e problematizador das causas da opressão, “que não pode ser realizado apenas pelo polo do educador, dentro de uma concepção libertária da educação” (Freire, 2017, p. 332), o que implica conhecer o pensar do oprimido em consonância com a própria realidade.

Nessa compreensão, Paulo Freire expressou como o diálogo se integra no escopo da educação libertadora, mostrando-o como uma via metodológica, seguida do engajamento de homens e de mulheres como promotores da formação crítica. O diálogo, nessa compreensão, foi tomado como um dos principais fenômenos humanos. Segue-se daí a ideia de que não existe palavra verdadeira que não seja práxis, quer dizer, a palavra enquanto ato de criação e de conquista da liberdade. Todavia, isso só pode ocorrer na relação horizontal, cuja base é a confiança entre os sujeitos que, na esperança, buscam o pensar crítico e o *ser mais*.

A ausência de diálogo por parte dos opressores para com os oprimidos é uma maneira de se temer a liberdade e de excluir o povo da sua condição de sujeito. No que segue a isso, Paulo Freire também chamou a atenção para a necessidade de a liderança revolucionária ser seriamente implicada com os anseios populares. Esse tipo de relação se pauta na revolução biófila e criadora de vida. Foi na convergência para a libertação que se opôs à divisão que mantém as causas da opressão. No tocante a essa questão, recomendou à liderança revolucionária buscar a união dos oprimidos entre si, para que estes sejam protagonistas de sua libertação e não meros recebedores de ações assistencialistas. A ação unificadora é insubstituível para a concretização da prática libertadora, pois ninguém se liberta sozinho. Tal arrumação tem importante sentido pedagógico, visto que liderança e povo aprendem, de maneira coparticipada e na prática, o valor da autoridade e da liberdade autêntica.

Ao revisitar as principais ideias apresentadas nesta seção, evidencia-se que a obra *Pedagogia do oprimido* oferece uma abordagem transformadora da educação, transcendendo

os limites convencionais da pedagogia. Como se pode perceber nesta análise, o autor dessa obra propõe uma educação problematizadora que visa a conscientizar e libertar os oprimidos.

Frente à discussão aqui estabelecida, considera-se que tenha ficado claro que a pedagogia do oprimido se fundamenta na noção de desalienação, na qual os indivíduos são incentivados a refletir sobre sua condição de explorados e a se engajar na luta por sua própria emancipação. Essa abordagem ressalta a importância do diálogo como uma ferramenta essencial para a construção de conhecimento e ação coletiva. Ao criticar a educação autoritária, Paulo Freire destaca a necessidade de uma prática educativa que seja política e comprometida com a transformação social. Sua visão de uma educação libertadora capacita os oprimidos a se tornarem sujeitos ativos de sua própria história, promovendo uma práxis que busca a superação das condições de opressão e de alienação.

Considerações finais

A pesquisa em questão explorou a trajetória intelectual de Paulo Freire, utilizando os recursos metodológicos do contextualismo linguístico skinneriano. O objetivo primordial foi entender a evolução de seu pensamento por meio da análise de seu contexto histórico e das obras que produziu ao longo de sua carreira.

A crítica de Skinner à abordagem textualista, comumente aplicada à educação, ressoou fortemente nessa investigação. Ele argumentava que essa abordagem era limitada e desconectada da verdadeira história intelectual, o que impedia uma compreensão profunda dos pensadores. A abordagem epistemológico-metodológica de Skinner, especialmente em sua obra *As fundações do pensamento político moderno*, foi crucial para esta pesquisa, destacando a importância de considerar os contextos de produção das ideias.

Dá-se destaque que o recorte desta análise se concentrou em seu período de exílio e nas diversas influências que moldaram sua obra. Esse enfoque, em contrapartida, permitiu uma compreensão mais ampla e contextualizada de suas ideias, especialmente em sua obra central, que é a *Pedagogia do oprimido*.

No tocante à temática abordada, Paulo Freire concebia o intelectual como um educador engajado, comprometido com a reflexão crítica e a práxis libertadora. Sua pedagogia valorizava a autonomia dos educadores e dos educandos, incentivando-os a agir em espaços de contradição e a promover a superação da opressão. Essa abordagem, dialógica e democrática, refletia sua crença na transformação social por intermédio da educação libertadora.

Portanto, cabe dizer que seu legado político-pedagógico vai além da mera instrução formal, abrangendo uma visão mais ampla de educação como um projeto de transformação humana e social. Sua pedagogia da libertação inspirou um novo olhar sobre a educação popular, enfatizando não apenas a liberdade, mas também a humanização e a capacidade do oprimido de se tornar um agente ativo na construção de um mundo mais justo e solidário.

Finalizando a abordagem aqui realizada, a presente pesquisa revelou não apenas a importância das ideias de Paulo Freire, mas também sua relevância contínua na busca por uma educação mais inclusiva, crítica e emancipatória.

Referências

- ALMEIDA, Maria Gildemar A. Dimensões do conceito de formação em Paulo Freire. In: SAUL, Ana Maria. *Paulo Freire e a formação de educadores: múltiplos olhares*. São Paulo: Articulação Universidade/Escola, 2000.
- BARBOSA, Ana Mae. Sobre a *Pedagogia do oprimido*. In: FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. São Paulo: UNESP, 2008.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. *Paulo Freire*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2010.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. *Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*. São Paulo: Ática, 1982.
- BOFF, Leonardo. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 27. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- DOSSE, François. *A saga dos intelectuais franceses, volume 1: à prova da história (1944-1968)*. São Paulo: Estação Liberdade, 2021.
- FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FIORI, Ernani Maria. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 69. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. São Paulo: UNESP, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

- FREIRE, Paulo. *Professora, sim; tia, não*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Paz e Terra, 2014
- FREIRE, Paulo. In: FREIRE, Ana Maria Araújo. *Paulo Freire: uma história de vida*. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do compromisso: América Latina e educação popular*. Indaiatuba: Villa das Letras, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 27. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020b.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da tolerância*. 35. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 69. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FROMM, Erich. *Ter ou ser?* Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- JORGE, J. Simões. *A ideologia de Paulo Freire*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1981.
- KOHAN, Walter. *Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica*. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.
- KOHAN, Walter. *Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica*. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.
- LACERDA, Sonia; KIRSCHNER, Tereza Cristina. Tradição intelectual e espaço historiográfico ou por que dar atenção aos textos clássicos. In: LOPES, Marco A. (Org.). *Grandes nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- LACROIX, Jean. *Marxismo, existencialismo, personalismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- MANFREDI, Silvia Maria. *Política: educação popular*. São Paulo: Símbolo, 1978.
- MAYORGA, Claudia. *Paulo Freire, o pensador do diálogo, da autonomia e da esperança*. UFMG, Boletim, n. 1353 - Ano 47 - 14.06.2021. Disponível em: <<https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/educacao/2103>>. Acesso em: 09/05/2022.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. O ato de perguntar na pedagogia freiriana. In: SAUL, Ana Maria. *Paulo Freire e a formação de educadores: múltiplos olhares*. São Paulo: Articulação Universidade/Escola, 2000.

SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 5. ed. Campinas: Autores associados, 2019.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. *As interconexões da pedagogia crítica de Paulo Freire*. *Filos. e Educ.*, Campinas, SP, v.10, n.1, p. 200-232, jan./abr. 2018. Disponível em: <
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/download/8652006/17703/36967>>.
Acesso em: 04/04/2022.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WEFFORT, Francisco C. Educação e política: *reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da Liberdade*. In: FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.